

Revista Adventista

Nosso verdadeiro objectivo

O objectivo de João Baptista era «preparar ao Senhor um povo bem disposto». Em grau ainda maior deve ser esse também o objectivo da igreja de Deus em nossos dias. Este é o alvo de todos os alvos.

João devia preparar um povo para o primeiro advento de Cristo. A igreja hoje deve preparar um povo para a Sua segunda vinda. A obra de João estava circunscrita à área da Palestina e países vizinhos. Nossa obra estende-se até às mais remotas regiões da terra, e inclui homens e mulheres de todas as tribos e nações.

Nosso principal objectivo não é ter grandes instituições e belas igrejas. É verdade que tudo isto é necessário e deve representar bem a grande mensagem que pregamos, mas tem carácter temporário. São meios para atingir um fim. E finalmente perecerão.

Não podemos levar conosco para o céu as nossas instituições, igrejas e outras propriedades. Só podemos levar pessoas. A nova terra será povoada com pessoas que tenham sido levadas por outras. Deus deseja pessoas.

Jesus veio ao mundo para buscar e salvar o homem. Deixou os palácios celestiais com esse único objectivo. Não erigiu grandiosos monumentos sobre a terra. O seu único monumento foi uma rude cruz plantada na colina do Gólgota. Não procurou fama ou posição, nem acumulou riquezas. Mas atraíu os homens para Si e preparou-os para o céu.

Hoje, em certos países, as instituições em que nos temos deleitado e em que temos tido justificado orgulho têm-nos sido rudemente arrebatadas, e estão em mãos de quem não tem interesse algum em Deus. Algumas delas podem considerar-se completamente perdidas para nós.

Mas uma coisa é certa. A verdade plantada nos corações de homens e mulheres

por W. H. BRANSON

Presidente da Conferência Geral

não pode ser desarraigada. Uma vez que um indivíduo aceita Cristo e o evangelho e permanece leal, torna-se invulnerável aos esforços do inimigo. E enquanto manter a sua confiança em Deus, o seu título à imortalidade e a um lar no céu não lhe pode ser arrebatado.

«Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?... Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores por Aquele que nos amou.

Porque estou certo de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.» Romanos 8:35-39.

«Um povo» preparado para a vinda do Senhor constituirá portanto a nossa única seara no último dia. Jesus enviará os Seus anjos aos quatro cantos da terra para recolher os Seus eleitos. Tudo o mais perecerá. Só os que estiverem preparados para a imortalidade escaparão à destruição. «Os ímpios serão lançados no inferno e todas as gentes que se esquecem de Deus», mas o Seu povo será salvo.

«Preparar um povo» devia portanto tornar-se uma ambição ardente e consumidora, assim como o objectivo supremo de todo o seguidor de Cristo. Devia ser o teu objectivo e o meu, e desde já!

Se não prepararmos pelo menos uma alma para se encontrar com Jesus, nada

teremos para levar connosco. Apresentar-nos-emos perante o Senhor de mãos vazias. Nossas vidas terão sido passadas em vão.

Na última sessão da Conferência Geral propusemo-nos dobrar o número dos nossos membros de igreja dentro destes poucos anos, talvez até à sessão seguinte. Alguns consideraram isso como presunção. Mas realmente não é tão fácil realizá-lo? Se cada membro de igreja ajudasse a atingir esse objectivo, poderia alcançar-se até em muito menos tempo.

Para dobrar o número de nossos membros dentro de um período de quatro anos seria necessário que cada membro de igreja ganhasse uma pessoa. Fazer menos do que isso é não fazer nada. Não podemos trazer menos de uma pessoa se quisermos fazer alguma coisa.

Um em quatro anos! Quem dirá que não pode encontrar uma pessoa e trazê-la?

Deus promete o Espírito Santo para nos inspirar e guiar. O Seu Espírito também preparará corações para receber a Sua mensagem, de sorte que a semente que semeamos caia em terreno fértil. A chuva serôdia em sua plenitude virá sobre a igreja logo que todos tomemos seriamente este objectivo de ganhar almas, e empreendamos a nossa tarefa em Seu nome.

Qual será a nossa situação quando Jesus vier? Estaremos nós diante d'Ele pelo menos com um troféu do nosso serviço, ou estaremos de mãos vazias e envergonhados?

Uma alma em quatro anos! Não quereis sair à procura dessa alma e trazê-la? Todos os recursos do céu estão ao vosso dispor para vos auxiliar. Os anjos irão convosco. O Espírito Santo guiar-vos-á e Deus colaborará convosco.

Agi agora. Amanhã pode ser muito tarde.

DIA DA EDUCAÇÃO

Sábado, 28 de Julho de 1951

A educação cristã, seu objectivo e seus meios

A. O OBJECTIVO

1. A própria essência da educação encontra-se na influência consciente, metódica e contínua do educador sobre o aluno.

2. O objectivo da educação segundo o mundo varia consoante os homens e as épocas. Mas o desígnio de Deus é imutável em todos os tempos e em todos os lugares: ele quer «que todos os homens se salvem» e venham a viver a verdade. (1 Tim. 2:4).

3. O objectivo da educação cristã corresponde aos desígnios e à vontade de Deus. O Apóstolo Paulo diz: «Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho; a fim de que ele seja o primogénito entre muitos irmãos.» (Rom. 8:29). Mas do Filho diz: «...que é a imagem de Deus.» (2 Cor. 4:4).

4. A atitude exterior do crente deve responder à sua transformação interior.

É por isso que, segundo Efésios 4:12,13,

a) «...o aperfeiçoamento dos santos» em vista do serviço, para a edificação do corpo de Cristo — a Igreja — se efectua.

b) Este «aperfeiçoamento», ou esta educação, continuará «até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus.»

5. Na realidade, é pois duplo o objectivo cristão. Compreende:

a) A edificação da igreja de Cristo no mundo;

b) A educação de cada membro até ao cristianismo perfeito.

O resultado: ambos — a igreja e o indivíduo — crescem por Jesus Cristo «para morada de Deus em espírito.» (Efés. 2:22).

Em Cristo todas as coisas serão finalmente congregadas, «tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.» (Efés. 1:10).

B. OS MEIOS

1. Nos tempos apostólicos

a) Os fundadores e educadores da igreja foram apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, doutores. (Efés. 4:11).

b) Estes chefes auxiliavam a igreja como apóstolos na doutrina e na disciplina, anunciavam a palavra de Deus como profetas, apascentavam o rebanho como pastores e ensinavam nas escolas como doutores. Assim tomavam, em conjunto, cuidado da vida espiritual dos crentes, corpo de Cristo.

c) Um amor leal os impelia todos a uma actividade zelosa. (Efés. 4:15; 2 Cor. 5:14).

d) As igrejas cresciam também sob todos os pontos de vista, graças à colaboração harmoniosa de todos os membros officiantes.

2. Na igreja dos últimos dias

a) Hoje ainda, a igreja dedica-se a pagar a doutrina pela pregação e o ensino. (Rom. 10:17; Act. 9:20).

b) Ela desenvolveu diversas organizações de que beneficia continuamente. Entre outras:

1) Favoreceu a educação dos pequeninos pela instrução dos pais por ocasião de reuniões a eles destinadas, porque verificou que a educação das crianças deve começar antes do seu nascimento pela dos pais, conhecimento que se tornou hoje geral.

2) Reconheceu também a importância da educação das crianças que não frequentam ainda a escola, e por meio da escola sabatina infantil tomou igualmente cuidado dos pequenos de três a seis anos. A igreja recomenda sempre instantaneamente aos pais que enviem os filhos às suas classes.

3) Não estando sempre em condições de reunir as crianças nas suas escolas e sob a autoridade de seus próprios professores, para se opor assim a influências que poderiam desviar as crianças da religião, ela introduziu o ensino religioso.

4) No seu sistema de educação teve igualmente em conta os jovens que deixaram a escola; agrupa-os na sociedade de jovens para dar à sua vida a base necessária à fé.

5) Com a escola sabatina, criou uma organização que, de há cem anos a esta

parte, e para maior bênção de cada um, está ao serviço de todos os membros sem distinção de idade, instruindo-os e firmando-os na sua vida espiritual; como pode testemunhar quem frequente fielmente a escola sabatina.

6) Além disso, oferece a todos os membros, jovens e de mais idade, pelos seus seminários, a possibilidade de adquirir, além da preparação de pastor, uma educação geral que abrange um período mais ou menos longo, e que pode torná-los aptos a melhor servirem ao Senhor no combate da vida e na igreja.

C. CONCLUSÃO

É necessário ver se se podem desenvolver melhor as organizações existentes e recorrer mais à colaboração dos membros. Cada um de nós deve perguntar a si mesmo se aproveitou ou não das possibilidades que Deus lhe ofereceu. Como em tudo, há certamente aqui ainda lugar para aperfeiçoamento. Os pais nada de melhor podem dar a seus filhos para a vida do que uma boa educação cristã: ela produz frutos para a eternidade. Devíamos aproveitar as ocasiões que se apresentem. Vivemos tempos sérios e perigosos. Duras provas nos aguardam. Temos necessidade da direcção de Deus, e devemos aproveitar tudo o que nos faça avançar e nos aproxime da «unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus.»

«Lembra-te de engrandecer a Sua obra, que os homens contemplam.» (Job 36:24).

OTTO SCHUBERTH

Secretário da Educação
da Divisão Sul-Europeia

*Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e no campo português.*

FIDELIDADE NA REFORMA DE HIGIENE

Por E. G. WHITE

O assunto de como preservar a saúde é de capital importância. Estudando-o no temor de Deus, acharemos que o melhor para a nossa prosperidade, tanto física como espiritual, é observar um regime simples. Estudemos pacientemente a questão. Necessitamos de sabedoria e bom critério, a fim de proceder sãbiamente neste assunto. As leis da natureza não devem ser opugnadas, mas obedecidas.

Os que têm sido instruídos com relação aos efeitos prejudiciais do uso da alimentação cárnea, do chá e do café, bem como de comidas muito condimentadas, e que estão resolvidos a fazer com Deus um concerto com sacrifício, não há-de continuar a satisfazer o seu apetite com alimentos que sabem ser prejudiciais à saúde. Deus requer que o apetite seja dominado, e se pratique a renúncia no tocante às coisas que fazem mal. É esta uma obra que tem de ser feita antes que o povo de Deus possa ser apresentado diante d'Ele como perfeito.

Há alguns crentes professos que aceitam certas porções dos Testemunhos como mensagens de Deus, ao passo que rejeitam outras que condenam suas inclinações favoritas. Essas pessoas estão contrariando sua própria prosperidade, bem como a da Igreja. Importa que andemos na luz, enquanto ela estiver conosco. Os que dizem crer na reforma de saúde, e contudo lhe contrariam os princípios nas suas práticas quotidianas, estão prejudicando sua própria alma, deixando má impressão no espírito de outros crentes e dos incrédulos.

Deus requer de Seu povo um crescimento progressivo. Devemos aprender que condescender com o apetite constitui um embaraço ao cultivo do espírito e à santificação da alma. Apesar da sua adesão à reforma de saúde, muitos seguem um regime impróprio. A transigência com o apetite é a principal causa da debilidade física e mental, e é em grande parte responsável pela fraqueza e morte prematura de muitos. Todo o indivíduo que aspira à pureza de espírito, deve ter sempre pre-

sente que em Cristo há virtude para vencer o apetite.

A Alimentação Cárnea

Se pudéssemos auferir qualquer benefício da condescendência com o desejo de alimentos cárneos, eu não vos faria este apelo. Mas sei que tal não se dá. A alimentação cárnea é prejudicial ao bem-estar físico e devemos aprender a passar sem ela. Os que estão em condições de seguir o regime vegetariano, mas se cingem às suas preferências, comendo e bebendo o que lhes apraz, pouco a pouco se tornarão descuidados das instruções que o Senhor lhes deu no tocante às outras verdades e serão por fim incapazes de discernir estas, colhendo o que semearam.

Aos estudantes das nossas escolas não se deve servir carne nem quaisquer outros alimentos que se sabe serem anti-higiênicos. Nada que possa desenvolver o apetite por estimulantes deve ser posto à mesa. Apelo para os velhos, os jovens e os de meia idade. Negai ao vosso apetite o que vos possa causar dano. Servi ao Senhor com sacrifício.

Não estabelecemos nenhuma regra para ser seguida no regime alimentar, mas dizemos que nos países onde abundam as frutas, cereais e nozes, os alimentos cárneos não constituem uma alimentação própria para o povo de Deus. Fui instruída que a alimentação de carne tende a embrutecer a natureza e a privar os homens daquele amor e simpatia que devem sentir uns pelos outros, dando aos instintos baixos o domínio sobre as faculdades superiores do seu ser. Se a alimentação de carne foi saudável algum dia, é perigosa agora. Constitui em grande parte a causa dos cânceros, tumores e moléstias dos pulmões.

Não nos compete fazer do uso da alimentação cárnea uma prova de comunhão; devemos, porém, considerar a influência que crentes professos, que fazem uso de carne, têm sobre outras pessoas. Não devemos, como mensageiros de Deus, testemunhar ao povo: «Quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus»? 1 Cor. 10:31.

Não devemos dar um testemunho decidido contra a transigência com o apetite pervertido? Porventura os ministros do evangelho, que estão a proclamar a verdade mais solene jamais enviada aos mortais, devem constituir-se exemplo no regresso às panelas de carne do Egipto? É lícito que os que são sustentados pelos dízimos dos celeiros de Deus se permitam a condescendência que tende a envenenar a corrente vivificadora que flui em suas veias? Desprezarão a luz que Deus lhes deu e as advertências que lhes faz? A saúde do corpo deve ser considerada como essencial para o crescimento na graça e para a aquisição de um bom temperamento. Se o estômago não for bem cuidado, a formação de um carácter moral íntegro será prejudicada. O cérebro e os nervos relacionam-se com o estômago. O comer e o beber impróprios resultam num pensar e agir impróprios também.

Somente quando dermos atenção inteligente aos princípios do viver higiênico é que seremos habilitados a ver os males que resultam de um regime impróprio. Os que, depois de reconhecerem seus erros, tiverem coragem para reformar os seus hábitos, não-de experimentar que o processo da reforma exige lutas e muita perseverança. Uma vez educados os gostos, porém, reconhecerão que o uso de alimentos que antes haviam considerado inocentes, estivera, pouco a pouco, mas de modo seguro, lançando as bases para a dispepsia e outras moléstias.

Muito cuidado e habilidade devem ser empregados na preparação dos alimentos destinados a substituir os que antigamente constituíam o regime alimentar dos que agora estão aprendendo a ser reformadores. Para esse fim requer-se fé em Deus, seriedade de propósito e o desejo de promover o auxílio mútuo. Um regime que deixa de fornecer os elementos próprios da nutrição acarreta o opróbrio da causa da reforma higiênica. Somos mortais e temos de prover o alimento próprio para o corpo.

Exageros no Regime Alimentar

Alguns do nosso povo, posto que se abstenham conscienciosamente de alimentos impróprios, deixam, todavia, de suprir-se dos elementos necessários ao sustento do corpo. Alimentando ideias exageradas a respeito da reforma higiênica, correm o

risco de preparar pratos tão insípidos que não satisfazem. Cumpre preparar o alimento de modo a ser não só apetitoso, como substancial. Não se deve subtrair ao corpo o que ele necessita. Eu uso sal e sempre o usei, porque o sal, em vez de produzir efeito deletério, é realmente essencial ao sangue. Os legumes devem-se tornar saborosos com um pouco de leite, de nata, ou algo equivalente.

Posto que se tenha advertido contra o perigo de contrair enfermidades pelo uso de manteiga e contra os males provenientes do uso abundante de ovos por parte das crianças, não devemos considerar violação do princípio de higiene usar ovos de galinhas bem tratadas e convenientemente alimentadas. Os ovos contêm propriedades que são agentes medicinais que neutralizam certos venenos.

Abstendo-se de leite, ovos e manteiga, alguns deixaram de prover o organismo com o alimento necessário e, em consequência, enfraqueceram e incapacitaram-se para o trabalho. Desta forma a reforma de higiene perde o seu prestígio. A obra que temos procurado erigir sólidamente, confunde-se com coisas estranhas que Deus não exigiu e as energias da igreja se paralisam. Mas Deus intervirá para evitar os resultados de ideias tão extremadas. O evangelho tem por alvo harmonizar a raça pecaminosa. O seu fim é levar ricos e pobres, conjuntamente, aos pés de Jesus.

Conquanto trabalhando contra a gluttonaria e a intemperança, necessitamos reconhecer a condição a que está sujeita a família humana. Deus fez provisões para os que vivem nas diversas partes do mundo. Os que desejam ser Seus cooperadores devem reflectir maduramente antes de especificar os alimentos que devem ser usados e os que não devem. Cumpre colocar-nos em ligação íntima com as massas. Se a reforma de higiene com todo o seu rigor, for ensinada àqueles cujas circunstâncias não lhes permitam a sua adoção, ter-se-á produzido mais dano do que bem. Quando prego o evangelho aos pobres, sou instruída a dizer-lhes que tomem os alimentos mais nutritivos. Não posso dizer-lhes: «Não deveis comer ovos, nem usar leite ou nata. Não deveis usar manteiga no preparo dos vossos alimentos». Cumpre que o evangelho seja pregado aos pobres, mas ainda não chegámos ao tempo em que deverá ser prescrito o regime dietético mais rigoroso.

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Novo Sanatório em Bangkok, Tailândia

Na cerimónia da Inauguração, em 18 de Março do ano corrente, o primeiro-ministro da Tailândia, Marechal L. Pibul Songgram, proferiu as seguintes palavras:

«Tenho muito prazer em vos apresentar os meus sinceros agradecimentos pela honra que me foi concedida em participar nesta cerimónia inaugural do Sanatório e Hospital de Bangkok, e estou certo de que posso também exprimir os sentimentos de prazer e apreço de todos os que nos reunimos aqui para assistir a esta cerimónia.

«A grande obra empreendida pela Missão Adventistas do Sétimo Dia na Tailândia é de facto bem conhecida, e os esforços da Missão para auxiliar o povo têm sempre encontrado um cordial acolhimento e apoio por parte do público em geral. A abertura de um novo edifício hospitalar hoje é portanto acolhida por todos nós como outra prova dos louváveis esforços da Missão em contribuir para esse fim.

«É em reconhecimento dos valiosos serviços prestados à Tailândia que desejo garantir-lhe, Senhor Presidente, que o governo de Sua Majestade terá sempre prazer em estender à Missão a sua colaboração e assistência na medida do possível, e em seu nome e em nome da população da Tailândia, desejo aproveitar esta oportunidade para vos exprimir os nossos cordiais agradecimentos e profundo apreço por tudo o que a Missão tem feito em favor deste país e formular os nossos mais sinceros votos pelo contínuo sucesso da Missão em todos os seus empreendimentos humanitários.

«É agora meu privilégio e prazer descer a lápide e declarar aberto o Sanatório e Hospital de Bangkok.»

Testemunho de um Deputado do Paraguai

Um deputado do Parlamento do Paraguai, que reside em Concepcion, declarou ao director da nossa obra naquêle país:

«Não temos médicos, enfermeiras e professores como os que os Adventistas têm. Oh, se tão-somente pudéssemos ter mais adventistas desta espécie, prontos a ir para toda a parte e prontos a sofrer toda

a sorte de sacrifícios, então o nosso país se levantaria das trevas espirituais, e teria homens e mulheres transformados com famílias felizes e casas limpas.»

Progresso da Mensagem no Japão

Desde 1948 o número de membros quase triplicou, contando-se 1.781 em 1 de Janeiro de 1951. As sessenta escolas Sabatinas e setenta escolas anexas têm 4.220 membros. A Escola Sabatina da Escola Missionária do Japão contém quinze escolas anexas dirigidas por professores e alunos da mesma.

A obra de publicações está prosperando. O exército de colportores aumenta em cada mês, contando-se em Abril 135. A nova casa publicadora, construída em 1950 perto de Yokohama, está trabalhando ao máximo para prover literatura para este exército de colportores e para as necessidades do campo.

A obra médica está prosperando. «Mais auxílio, mais espaço», é o apelo deste departamento no Japão na hora presente. Um novo pavilhão está prestes a concluir-se para ampliar o actual Sanatório-Hospital de Tóquio. Quando terminar, a instituição ficará com uma centena de camas, número requerido para ter uma escola de enfermagem.

A obra da educação está avançando. As escolas de Igreja são apenas quatro, mas o número aumentará no próximo ano lectivo. Só desde a guerra é que foram permitidas escolas de Igreja no Japão. A Escola Missionária Japonesa já produziu um número de promissores jovens obreiros. A construção de novos edifícios e o fortalecimento do corpo docente tornará possível suprir melhor às crescentes necessidades do campo.

O Curso Bíblico por Correspondência tem actualmente 60.000 alunos inscritos. Muitos mais poderíamos inscrever se se obtivessem fundos e pessoal. Por seu intermédio muitos têm sido baptizados.

Prova severa da fé na Alemanha Oriental

O presidente da União da Alemanha Oriental, M. Budnick, escreve que os nossos irmãos na Zona Oriental da Ale-

menha passaram recentemente por uma severa prova de fé, quando o governo anunciou que todos os que por motivos religiosos não cumprissem as suas obrigações de trabalho no Sábado seriam levados perante os tribunais. Todavia o Senhor trouxe a libertação ao ser concedida aos Adventistas liberdade para guardarem o Sábado. Isto causou grande regozijo no nosso povo. Quão gratos devemos estar pelos privilégios que fruímos hoje. Estamos nós preparados para semelhantes provas de fé? — *H. F. Brown.*

Um evangelista leigo em Fidji

O irmão Sunia é um agricultor e comprador de gado. Seus negócios levam-no de terra em terra, por vezes a centenas de quilómetros do seu lar. Em 1941, o irmão Sunia converteu-se por intermédio do cuidadoso e coerente exemplo e instrução de sua fiel esposa. Começou imediatamente a sua obra de evangelismo leigo, e na altura do seu próprio baptismo tinha outro homem junto para unir-se à igreja com ele. Planeia as suas viagens de negócios de tal maneira, que possa realizar uma reunião nalguma casa ou igreja cada noite em que está fora.

Desde a conversão do irmão Sunia em 1941, por seu intermédio, como evangelista leigo, viu unirem-se à igreja, pelo baptismo, mais de cinquenta almas. — *N. C. Wilson.*

As Escrituras em 1.034 línguas

Até o fim de Dezembro de 1950 tinham sido publicadas porções completas da Bíblia em 1.034 línguas e dialectos diferentes. A Bíblia completa tinha sido publicada em 191 línguas; um Testamento completo em 246 línguas adicionais e pelo menos um Evangelho ou outro livro completo tinha sido publicado em 597 línguas.

A Bíblia completa foi pela primeira vez impressa o ano passado em Kashgar Turki, língua falada em Sinkiang (Turquestão). Dois Novos Testamentos foram publicados pela primeira vez em Kikwango, dialecto falado no Congo Belga, e em Kurukh, falado nas províncias centrais da Índia.

As novas línguas, que se ajuntaram à lista em 1950 e em que o evangelho completo foi publicado, são: Dyak:Maanjan (Bornéu); Jorai, falada em Anam (Sudeste da Ásia); Nyimang, no Sudão; Riang Lang, usada na Birmânia; e Sara:Madjingai, falada na África Oriental Francesa.

Estas traduções de partes da Bíblia foram publicadas por tipografias missionárias, impressores comerciais e editores particulares bem como por Sociedades Bíblicas.

Há também mais 91 línguas em que foram impressas curtas passagens ou colecções de passagens de textos bíblicos, mas nenhum livro completo da Bíblia. Nos anos anteriores esta última classe tinha sido incluída no número total das línguas. — *Sociedade Bíblica Americana.*

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE JUNHO DE 1951

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Adelino N. Diogo	80	1.890\$00	190\$00	2.080\$00
Júlio A. Melo	161	2.070\$00		2.070\$00
Diversos	174	2.010\$00		2.010\$00
João Pestana	69	1.560\$00		1.560\$00
Orlando da Costa	59	1.560\$00		1.560\$00
João José Nobre	109	670\$00		670\$00
José da Costa	46	870\$00		870\$00
Isaías da Silva	95	660\$00		660\$00
António G. Duarte	51	170\$00	425\$00	595\$00
Maria Luísa Saboga	45		550\$00	550\$00
José dos Santos	40	300\$00		300\$00
	929	11.760\$00	1.165\$00	12.925\$00

Collonges e os Missionários Voluntários

É com prazer que sentimos mais assiduamente a presença amiga e confortante dos raios solares, que, pouco a pouco, eliminam a fresca e alva neve que porventura exista ainda no alto das montanhas.

As árvores revestem-se das mais lindas e perfumadas flores e, em sinal de reconhecimento e alegria, as aves não cessam de entoar melodiosos trinados.

Se o Inverno e toda a sua neve nos foi tão agradável, a Primavera com todas as suas flores e coloridos, no conjunto de todas as suas melodias e perfumes, certamente que nos é querida. El é-nos querida por múltiplas razões, estando a principal estreitamente ligada às actividades dos M. V., que em Collonges apresentam, ouso dizê-lo, um carácter quase tão sério como os estudos teológicos, clássicos e outros.

Se bem que durante o longo inverno elas não tivessem sido atingidas pelo sono característico da estação, no entanto, durante a Primavera e outros meses de temperatura mais amena, estas actividades apresentam-se de uma forma mais activa, quero dizer, mais em plena natureza.

É ao ar livre, sob a fresca, agradável e acolhedora sombra das árvores, já revestidas de verdes e tenras folhas, que a nossa juventude realiza os seus programas. Nas horas passadas em tais actividades, por mais simples e infantis que elas nos possam parecer, o nosso espírito, ainda jovem, encontra o que aliás lhe é devido: movimento, alegria e ar puro.

De uma forma geral, em França, e particularmente aqui no Seminário, este termo: «Classes Progressivas», reveste um significado diferente do que vulgarmente lhe atribuímos em Portugal. Em Collonges, esta expressão é sinónimo de vida, de entusiasmo, de animação e de estudo.

Cada quinzena, uma tarde de segunda-feira é inteiramente reservada a estas actividades dos Missionários Voluntários.

Ser-me-ia com efeito bastante difícil mencionar-vol-as na íntegra, no entanto enumerar-vos-ei algumas, nas suas linhas gerais.

Como todos os cursos, este compõem-se de duas partes: uma teórica e outra prática. Esta última, é a mais extensa e sem dúvida a mais interessante. Mais interes-

sante, porque além de nos libertar dos duros e enervantes bancos da sala, permite-nos, uma vez ao ar livre, aplicar na prática o que acabamos de ouvir e aprender.

Por vezes trata-se de um jogo cujo objectivo principal é a aplicação dos nós, ou então onde os conhecimentos dos pronto-socorros devem ser aplicados. Outras vezes e sempre sob a forma de jogo, devemos pôr em prática as teorias das medições de grandezas inacessíveis, tais como alturas e distâncias. Uns dias trata-se da descoberta e estudo de uma pista seguida de sinais convencionais. Noutros, ainda, além de estudarmos a organização e montagem de um acampamento, aprendemos a construir os mais diversos fogos de cozinha, mais vulgarmente utilizados, que, entre parêntesis, interessam bastante a nossa rapaziada, dada a sua íntima relação com os problemas gastronómicos que, na vida ao ar livre, são constantes.

Poder-vos-ia citar muitas outras actividades das Classes Progressivas, mas, porque não desejo abusar da vossa atenção, falar-vos-ei somente de uma pequena festa que há dias tivemos a satisfação de realizar.

Foi o tradicional «Fogo de Acampamento».

Segunda-feira, 30 de Abril.

O dia estava quente e belo. Tudo indicava que a noite nos seria propícia. Rapazes e meninas, sorriso nos lábios, unindo-nos ao mesmo esforço, partimos em diferentes direcções em busca de lenha.

Passadas duas horas, no terreno indicado, podíamos facilmente apreciar diferentes molhos do dito combustível, das mais variadas qualidades. Ao centro, um feixe principal, que poucas horas mais tarde deveria servir-nos de espectáculo, tomava a sua forma definitiva.

Vinte horas! Sobre o local aglomerava-se um público imenso! Todos os olhos dirigiam-se na direcção do negro vulto que se confundia com o escuro da noite que, doce e lentamente, descia sobre nós.

A atmosfera arrefecia e todos os presentes manifestavam-se inquietos, quando, de entre a «troupe» dos jovens que estavam sentados no chão, sobre alguns cobertores, alguém se levantava. Fez-se silêncio.

Era o ir. M. Berthalot, que, avançando de um passo pesado e longo, se dirigia para junto do público. Tomando a palavra, abriu com um pequeno discurso a bela e inesquecível cerimônia do «Fogo do Acampamento».

Numa voz familiar, este grande amigo da Juventude apresentou em termos simples o valor prático e espiritual das Classes Progressivas.

Entretanto, um imenso clarão azul saiu de entre o enorme feixe escuro, que impassível se deixava agora tomar pelas chamas. O silêncio foi maior ainda e seria absoluto, se não fora o desenfreado crepitar do fogo que iluminava e aquecia todas as faces transbordantes de alegria.

«Fogo de Acampamento!» Festa rija!...

Então, um grupo de M. V. executou, em torno das chamas, a característica dança do fogo «La légende du feu», enquanto que os restantes entoavam as estrofes correspondentes.

Palmas, muitas palmas e o programa continua mais de duas horas. A atmosfera era agora mais quente. Com ela os nossos corações aqueciam também. Num espírito deveras cristão, muitos outros números foram executados com sucesso. Os M. V. de Collonges, bem como as múltiplas visitas presentes, jamais poderão esquecer essas horas passadas em conjunto, onde o nosso espírito se alegrou sã e justamente e onde a atmosfera espiritual foi tão apreciada.

Isto é um pouco do que se faz em Collonges.

Os meus votos são para que em breve, no nosso tão belo País a nossa Juventude ame e compreenda as Classes Progressivas na realização prática de todas as suas atividades.

Vosso jovem amigo que vos saúda desejoso de vos encontrar em Paris,

Vítor Martinez

A MÚSICA EM COLLONGES

Não falarei do canto alegre das muitas aves que habitam esta região e que faz a alegria do nosso despertar, cada manhã, mal os dias frios e tristes do Inverno têm passado; também não falarei da música dos ecos que o Monte Salève vai repetindo, nos seus rochedos abruptos, desde o silvo agudo dos comboios que passam no vale de Genebra, até ao som cavo dos tiros de dinamite na pedreira vizinha; não falarei da música dos risos e gargalhadas da gente moça, nem da estranha orquestra formada pelos diferentes idiomas da tão grande variedade de nacionalidades aqui representadas, em que cada idioma faz lembrar um instrumento, com o seu timbre particular. Não falarei dessas espécies de música: falarei apenas da música comum, da chamada música vocal e instrumental.

Quanto à música vocal — o canto — pode dizer-se que aqui todos cantam: cantam os que sabem e os que não sabem cantar, aqueles que sabemos terem uma boa voz e aqueles que pensamos não a terem; nenhuma boca fica fechada quando,

na capela, se canta um hino em conjunto. É interessante ouvirmos simultaneamente, como num coro bem ensaiado, as vozes dos contraltos, dos tenores e dos baixos. É vulgar termos atrás de nós quatro ou cinco rapazes a cantarem a parte do baixo, mais além, outros que cantam a parte do tenor, e, do lado das raparigas, várias que cantam a parte do contralto — enquanto outras e outros cantam a parte do soprano. Isto não acontece apenas nos hinos mais conhecidos. O contraste é considerável se pensarmos nas nossas igrejas de Portugal onde todos cantam apenas a parte do soprano — e, muitos, nem mesmo isso.

A nós, portugueses, não é apenas de surpreender a elevada percentagem de alunos e alunas que conhecem o solfejo, que podem entoar à primeira vista; surpreende-nos, sobretudo, na diferença de nível de cultura musical, a expansão, que encontramos aqui, do gosto e do conhecimento da música. A música, aqui, não é qualquer coisa a que se lança mão apenas como «enche-programa» de reuniões de

juventude... Aqui, segundo a expressão francesa, *faz-se a música pela música* — a música é escutada não apenas em silêncio mas com atenção, mesmo reverentemente, como a mensagem dirigida por um pregador.

Temos um Coro de Homens e um Coro Mixto. Ambos se fazem ouvir frequentemente, sendo o Coro de Homens tido em muita consideração em várias vilas e cidades vizinhas, onde é convidado a cantar. Na capela temos um bom piano de cauda onde os professores de música do seminário e alguns alunos executam solos ou acompanham números de canto nas reuniões. Temos, ainda, mais cinco pianos verticais, para estudo. Na capela há também um órgão eléctrico, de dois teclados e pedaleira. Aos sábados, tanto na escola sabatina como a servir de introdução ao culto, há sempre números de música. Temos uma instalação sonora móvel que nos tem permitido a realização de reuniões consagradas à audição de música em discos, umas vezes no salão do edifício das raparigas outras vezes na capela. Entre outras obras, temos ouvido, integralmente, este ano, precedidas por algumas palavras explicativas, a 3.ª, a 5.ª, a 6.ª, a 7.ª, a 8.ª e a 9.ª sinfonias de Beethoven, e a 39.ª sinfonia de Mozart (em mi bemol maior). No edifício dos rapazes há uma instalação sonora fixa que veio recentemente substi-

tuir a clássica sineta no seu serviço de despertar. Agora os rapazes são acordados todas as manhãs ao som da música de discos que o preceptor faz transmitir do seu quarto, através de três alto-falantes colocados nos três corredores dos três pavimentos do edifício (isto no caso de não terem sido acordados antes pelo cantar dos pássaros nas árvores). Das janelas da secção musical, no edifício das aulas — o «Central» — onde se encontram três dos pianos de estudo, saem a toda a hora do dia valsas de Chopin, sonatas de Beethoven, improvisos de Schubert, estudos de Czerny... Dir-se-ia um conservatório!

Todos os alunos têm a oportunidade de aumentar aqui a sua cultura musical. E se acontecer vir algum que duvide do valor da música, que não a compreenda ou nunca se tenha interessado por ela, ou chegue mesmo a pensar que não gosta, depressa modificará, certamente, o seu gosto ou a sua opinião, graças aos múltiplos aspectos da actividade musical que aqui encontrará, e à sua boa qualidade.

Devemos regozijar-nos por a música ser objecto de tanto carinho neste seminário, pois *«a música, correctamente empregada, é um dom precioso de Deus, destinado a erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e a elevar a alma»*. (E. G. White).

Fernando Pinheiro

Horas sociais em Collonges

No nosso Seminário teológico, do Salève, a maior parte dos alunos cumpre o melhor possível os seus deveres em relação aos estudos, aos professores, ao regulamento, e a toda a família escolar. Os alunos aqui não respiram somente o ar puro com o seu oxigénio indispensável á vida, não! Eles, ou por outra, nós (pois eu também sou um deles), inspiramos ou absorvemos a teologia, razão de ser da nossa estadia aqui.

No entanto, jovens como nós somos, não poderíamos resistir a uma crise nervosa ou neurasténica, se não tivéssemos uns períodos de fuga e de evasão, onde por momentos nos podemos eclipsar dos estudos intensos e regulares. Sendo assim temos

pois necessidade de por vezes nos divertirmos um pouco.

Estes períodos de fuga são ás horas sociais, os passeios, etc. Temos aqui três espécies de horas sociais por ano. São elas:

- 1) Horas sociais hebdomadárias.
- 2) «Soirée» internacional.
- 3) Recepção das meninas ou vice-versa.

1) As horas sociais semanais têm lugar às segundas-feiras à noite (segunda-feira, porque na terça não temos aulas mas sim trabalho manual).

Elas constam do seguinte:

- a) jogos recreativos, etc.

b) *filmes*. Possuímos cá no Seminário uma bela máquina de projecção, permitindo-nos assim ver e ouvir filmes documentários, e também de longa metragem mas instrutivos. O último que aqui foi visto neste género foi «Madame Curie».

c) *Música*. Temos bastantes períodos musicais. No entanto sobre este assunto não direi nada, visto este ser tratado por um dos meus colegas.

2) **Soirées internacionais**. A nossa juventude aqui é bastante cosmopolita. Há alunos de todas as partes do globo terrestre; estão aqui representadas 15 nações, que são: França, Suíça, Itália, Bélgica, Portugal, Israel, Noruega, Polónia, Etiópia, Hungria, Roménia, Rússia, América, Jugoslávia, Bulgária e Tchecoslováquia.

Pois bem, a soirée internacional consiste no seguinte: Uma vez por ano e no mês de Abril, cada nacionalidade escolhe de entre ela alguns rapazes e meninas que tenham um pouco de jeito ou para recitar poesias, cantar, tocar ou representar. (No entanto isto só é possível aos alunos que estejam sob a influência ocidental, pois os do outro lado da Cortina de Ferro, cada nação é representada por um único aluno, que no entanto, não ficam inactivos e representam dignamente o seu país).

Finalmente quando tudo está ensaiado e sabido lá temos a festa; tiramos as mesas e as cadeiras da casa de jantar, (pois é lá que a festa tem lugar), enfeitamos tudo com verdura e papelinhos, erguemos um palco, colocamos um piano e pronto... Os artistas e os figurantes vestem-se com trajes regionais e apresentam o seu repertório.

Mas esta festa que é tradicional aqui, está já a perder a tradição. O ano passado fez-se, mas este ano já não, e para o outro que vem, não sei, depois se verá.

3) **Recepção das meninas ou vice-versa**. Esta pequena cerimónia é sempre benvinda, pois ela dá-nos bastante satisfação e regozijo. Ela consta do seguinte: Uma vez por ano, as nossas colegas são convidadas por nós a fazerem-nos uma visita mesmo até ao «Sources». Nós enviamos-lhes um convite indicando-lhes a noite da recepção. Ao receberem o mesmo, as meninas preparam-se o melhor possível, lavam a cara e os pés, penteiam-se da melhor maneira, vestem os vestidos de gala, depois de lhes terem dado uma escovadela, devido ao pouco uso, e com uns sapatos de tacão alto lá vão todas responder ao convite.

Os rapazes, por sua vez, nos seus quartos, fazem a cama a primor, encerram o soaço, limpam os cantos das teias de aranha e arrumam o melhor possível os livros na estante. Às 18 horas, chegam elas, sabendo já qual é o rapaz que lhes deve servir de guia e ao mesmo tempo de camarada e companheiro durante a festa. Para começar, visita geral aos quartos dos colegas. Às 20 horas serve-se o jantar. Servem à mesa quatro colegas de Martinica e por consequência de cor, vestidos de branco. A refeição, claro está, é bastante apetitosa e bem feita. Depois do jantar, que dura quase duas horas, seguem-se os divertimentos que são: ou música moderna em discos ou recitações de poesias e sonetos de autores franceses. Termina a festa com uma marcha americana.

No ano seguinte são as meninas que por sua vez convidam os rapazes ao «Par-sue», respondendo estes também ao amável convite. Termina a festa com uma marcha americana. De três em três anos há dupla recepção. No entanto esta dupla recepção está quase a cair em desuso e a perder a sua efectivação.

PASSEIOS:

Aqui na escola os passeios são frequentes. Quando o tempo está bom (coisa que acontece raramente no Inverno), fazem-se «promenades» todos os sábados à tarde. Os lugares mais agradáveis para este género de desporto são: a *planície*, que não tem nada de especial, o *Lago Negro*, que não passa de um pobre charco, e o *Salève*.

É na direcção deste último que se fazem os mais bonitos passeios, sobretudo quando está tudo coberto de neve. Duas vezes por ano nós temos feriado que tem por fim dar aos alunos o privilégio de visitar o Salève, quando a neve ali existe em grande quantidade.

De manhã, por volta das dez horas, toda a minha gente se agasalha o mais possível, de maneira a não ter frio e se prepara para subir à elevação de 500 metros. Uns levam «skis», outros «luges» (carrinhos para deslizar na neve), para se divertirem da melhor maneira. No cimo do Salève o panorama que se alberga é esplêndido. Olhando-se para o sul descobrimos a enorme cadeia rochosa dos Alpes e elevando-se sobre tudo e todos, o majestoso Monte Branco, com as suas agulhas inacessíveis e as suas neves perpétuas. Alargando a nossa vista para o norte des-

cortinamos o Jura (metade francês metade suíço), estendido como uma enorme serpente adormecida.

No entanto, temos ainda mais passeios. Os alunos das classes superiores descem amiudadas vezes a Genebra para consultarem livros na Universidade da Cidade. Se bem que isto seja um trabalho de curso, constitui no entanto um agradável passeio. É sempre interessante ir a Genebra. Ao sossego e à calma do campo, se opõe o barulho e o movimento da cidade, que por vezes, ou quase sempre, põe os alunos mais em contacto com a realidade da vida.

Genebra, berço de J. J. Rousseau e abrigo do reformador Calvino, constitui um prazer aos olhos dos nossos colegas seminaristas pelas suas belezas naturais e pela majestade do seu lago.

Visitamos por vezes Gland, também na Suíça, que dista de nós 37 quilómetros, e onde temos uma esplêndida casa de repouso, local este que foi visitado outrora pela nossa Irmã Ellen White.

Mais poderia ter dito mas nem o tempo nem a dimensão do artigo mo permitem; por isso aqui termino.

Manuel Laranjeira

Culto Missionário Mensal

D. E. REINER

Sendo a igreja organizada para o serviço de ganhar almas, por que não dedicamos mais tempo nos cultos para falar e para orar sobre este assunto tão importante, uma vez que somos como que desafiados para tão grande actividade?

Se o mais eficiente modo de suscitar, no coração de nossos irmãos, o desejo de participar no trabalho de ganhar almas é contar incidentes sobre o trabalho missionário, por que então não dirigimos os nossos cultos missionários de modo que os nossos irmãos possam relatar as suas experiências sobre a maneira como Deus os converteu e como alguém os ajudou a encontrar a salvação, como também têm eles sido instrumentos para a salvação de outras pessoas?

Se a coisa de que mais a igreja necessita não é de sermões, mas de ser ensinada a trabalhar em favor daqueles por quem Cristo morreu, por que, como pregadores e dirigentes missionários, continuamos a pregar ao nosso povo, mesmo nos sábados missionários, e obstinadamente persistimos em fazer a mesmíssima coisa de que

somos avisados que não traria os melhores resultados no trabalho de ganhar almas? Talvez tenhamos perdido a verdadeira visão do trabalho, ou sigamos a lei do menor esforço, ou não estejamos nós mesmos ocupados no trabalho de ganhar almas, e portanto, não temos nenhum relato missionário recente a contar para despertar o coração do nosso povo ou da congregação que nos ouve.

Se é verdade que onde há hoje um missionário devia haver centenas trabalhando pelas almas perdidas, então por que não tomamos tempo, pelo menos uma vez por mês, para convidar essas centenas para falar acerca deste trabalho de ganhar almas no modo como acima foi descrito, e não noutra qualquer ocasião, quando apenas poucas pessoas assistirão? Os cultos à noite de quarta-feira ou de sexta-feira jamais poderão tomar o lugar de um culto regular das onze horas de sábado, como ocasião propícia para despertar toda a congregação para o grande trabalho de ganhar almas.

O culto missionário mensal não se pode

transformar num real sucesso sem decidido esforço, estudo, planos e orações, mas se for convenientemente dirigido, trará ricos resultados. Estas reuniões podem reacender o fogo em muitos altares onde as chamas já estavam quase extintas. Podem aquecer muitos corações que já estavam quase enregelados. Podem humedecer muitos olhos que já estavam secos. Podem fazer descer do alto o Espírito Santo para tocar o coração e a mente que já se deixaram dominar pela mornidão, e reavivá-los com novos sentimentos e santificadas emoções, ungiendo com celestial gozo os participantes. A nossa mensagem tornar-se-á mais clara e as nossas experiências cristãs mais reais.

O mais afamado pregador, ao fazer o melhor de seus sermões, jamais pode alcançar o mesmo sucesso de uma reunião de testemunhos em que se relatem os incidentes do trabalho missionário. Experimentem e verão. Nesta reunião, quando estamos falando da distribuição de folhetos, alguns membros podem contar como um folheto lhes trouxe o conhecimento da verdade ou como alguém foi salvo por esta maneira. Ao tratar-se do evangelismo leigo, alguns irmãos devem contar as suas experiências ou as de algum outro pregador leigo. Tratando de visitas de casa em casa, pode ser contado como uma visita, em certa ocasião de grande desconforto e desânimo, trouxe grande bênção. Tratando do nosso trabalho filantrópico, deve contar-se como uma família foi ganha pela bondade no trato e como a oração em favor de uma mãe que estava em dificuldade lhe trouxe de novo alento e esperança.

Nas grandes igrejas há farta quantidade de assuntos desta natureza, que pode ser utilizada. Um dirigente bem activo saberá descobrir estes incidentes que auxiliarão tanto a ele como aos demais membros, antes que chegue o tempo em que estes incidentes possam ser contados com mais sucesso. Nas igrejas pequenas, onde tudo é mais difícil, bons incidentes desta natureza podem ser coligidos de livros, folhetos ou revistas. Onde o auditório for

numeroso, várias pessoas que vão tomar parte em contar incidentes missionários podem subir à plataforma. Nas igrejas pequenas não será necessário isto, poderão desempenhar as suas partes, apenas chegando à frente. Haverá obstáculos e desânimo, disto pode-se estar certo, mas onde houver boa vontade em executar o que for do agrado de Deus, nada poderá mostrar-se como impossível.

No final da reunião deve dar-se oportunidade aos assistentes que peçam orações. Um dos membros da igreja pode chegar à frente e orar em favor dos que pediram. As nossas reuniões de oração podem então ser mais específicas.

Sempre se devem ter livros, revistas, folhetos, etc., à mão, para se distribuírem no final de cada reunião missionária mensal, assim como folhetos que mostram como se deve fazer o trabalho. Uma pessoa deve ficar encarregada desta distribuição. Se alguns dos membros forem tão pobres que não possam comprar novo material, convém as famílias juntarem dos seus lares vários exemplares de periódicos, brochuras e livros, e este material então deve ser distribuído para o trabalho de evangelização. Cada irmão deve ser animado a levar alguma literatura. Que nenhuma pessoa saia da igreja de mãos vazias para entrar em acção, trabalhando em favor de um mundo perdido, prestes a ser chamado à barra do tribunal de Deus.

Se tivermos mais frequentes reuniões da comissão do trabalho missionário para tratar desta actividade e para fazer planos em conjunto e orar pelo êxito do trabalho, grandes coisas podem ser alcançadas. Devem ser feitos planos para que cada uma das pessoas que assistam à comissão ajude a preparar um bom programa e boa música e arranje pessoas que contem as suas belas experiências.

O nosso tempo é curto. O campo é vasto. E muitas pessoas estão olhando ansiosas para o céu, esperando apenas ser preparadas para entrar no reino de Deus. Levantemo-nos e façamos este trabalho.

NOTÍCIAS DO CAMPO

PASTOR MÁRIO ABEL — A fim de assistir ao Congresso da Juventude, em Paris, veio de Angola o Pastor Mário Abel, que desembarcou em Lisboa no dia 1 de Junho.

As suas experiências têm sido uma bênção onde quer que as tem contado, e estamos certos de que a sua presença entre nós será uma inspiração para os nossos membros e para o nosso consagrado irmão.

JOSÉ DE SÁ — Acompanhado de sua esposa, chegou no mesmo dia, também de Angola, o irmão José de Sá, proficiente enfermeiro no Hospital do Bongo. Depois de alguns anos de extenuante trabalho, este casal tinha jus a bem merecidas férias.

PASTOR ELISEU MIRANDA — No dia 16 desembarcou, com sua esposa e filho, o Pastor Eliseu Miranda, director da Missão de S. Tomé. Bem necessitavam os nossos irmãos de passar estes seis meses na Metrópole, para refazerem as energias, abaladas com o trabalho dos últimos anos.

O NOSSO SEMINÁRIO

Terminou mais um ano lectivo para o nosso Seminário em Portalegre. As aulas foram encerradas no fim do mês de Maio, com satisfação para todos, e damos graças a Deus por Sua divina protecção e a boa saúde que todos nós gozamos, apesar de um Inverno bastante rigoroso.

Realizou-se em seguida, o curso de colportagem com a comparência dos colportores do Campo, do irmão Fernando Mendes e de sua esposa, e da curta visita dos irmãos Ferreira e Moffit. Foram dias de convívio espiritual que depressa passaram, e, especialmente, para os nossos visitantes. Coincidiu com este congresso, a festa das mães na igreja de Portalegre, a qual foi muito concorrida, tendo apresentado um interessante programa e distribuído pelas mães presentes, mais de oitenta ramos de lindas flores, tendo também sido vendidas fitas de seda marca-páginas, a quem quis ficar com uma recordação.

Finalmente os nossos alunos partiram, sem dúvida, com pena de deixarem esta casa, onde já repetiram o curso bíblico durante alguns anos — pois dois já por cá andam há sete anos, e outros, cinco, quatro e três anos. Três alunos são estagiários desde há quatro anos e, por conseguinte, agora esperam entrar para o quadro dos obreiros; dois continuarão ainda mais um ou dois anos no Seminário de Collonges, França; três outros irão colportar para o ultramar; e os restantes esperam também que se lhes dê rumo. Mas com que convicções e planos determinados pessoais partiram ou vão partir? Só eles mesmos e Deus o sabem, e o futuro o dirá. Esperemos, porém, que tomem a única e boa resolução para a sua vida presente e futura, a fim de virem a ser fiéis membros de igreja ou bons obreiros na Santa Causa.

Agora temos de pensar no futuro do nosso

Seminário. Com as experiências passadas deverá a União, sob a direcção de Deus, fazer sábios planos e, possivelmente, novas bases. E felizmente que já há a decisão tomada de se comprar imediatamente uma propriedade própria e de rendimento para que possa cobrir, em parte, as suas despesas. Estamos também trabalhando para que o nosso Seminário continui e não só para as disciplinas bíblicas mas também para as liceais.

Que as nossas igrejas, desde já, ponham os seus olhos sobre a sua juventude e descubram mancebos que possam recomendar. Sobretudo, mancebos com alguma instrução, que já tenham dado provas de amarem a Deus e a Sua verdade, e que sejam dignos de uma bolsa de estudo, caso necessitem. Nunca a obra de Deus — assim julgamos — precisou tanto de obreiros consagrados e preparados para atender às grandes necessidades do momento. Obreiros que, nas horas difíceis que se avizinham, não desertem, nem dêem mau testemunho, mas se ponham «entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa a Teu povo, ó Senhor, e não entregues a Tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele; porque diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?» (Joel 2:17).

Tudo indica que o tempo já é curto e que a obra de Deus tem de terminar sobre a Terra, para que o nosso Salvador possa voltar em breve. Peçamos, pois, todos a Deus que nos dê do Seu bom Espírito e nos ajude, com a verdadeira fé e perseverança, a realizar os Seus divinos planos. — *A. F. Raposo.*

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

Sábado, 16 de Junho. Outro grande dia para a nossa Congregação! Eram três e meia da tarde quando começámos a nossa reunião. Pouco depois a casa de culto estava cheia de crentes: membros de igreja e muitas visitas. À frente, em lugar destacado, tomaram lugar Anciãos e Diáconos que em anos anteriores prestaram serviço na Congregação, assim como os que presentemente desempenham tais funções. Para a presidência e como colaborador nesta reunião, foi convidado a tomar lugar, ao nosso lado, o Pastor Pedro Ribeiro. Todos os olhares convergiam para um grupo de homens, senhoras e jovens que se encontravam à frente, em lugar central. Realmente, era para tais pessoas que as nossas atenções se dirigiam nesta reunião. Diríamos mesmo que os olhares complacentes de Deus e a atenção vigilante dos seus santos anjos, era para tal grupo que de um modo especial se dirigiam! Tratava-se de mais um punhado de almas que naquela hora ali se encontravam e que iam dar o seu testemunho perante os seus irmãos na Fé e perante Deus.

Após breve recapitulação das bases fundamentais dessa «Fé que uma vez foi dada aos

santos» e, enquanto toda a congregação ia entoando:

*Oh! que belos hinos cantam lá nos céus!
É que já se reconciliou
A alma revoltosa que, vendida a Deus
Convertida, o mundo abandonou!»*

um a um, desceram às águas baptismas, enterando pela fé a sua vida passada, e, pela fé também, renascendo para uma nova vida, que, prosseguida corajosamente e com os olhos postos em nosso Bendito Salvador, terá a sua gloriosa apoteose na nova Pátria fazendo parte dessa «multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos e línguas que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestidos de branco e com palmas nas suas mãos.»

Nova classe baptismal começará a funcionar breve. Só as próximas reuniões em Paris nos impede que ela esteja em funcionamento, pois muitas são as pessoas que breve desejam unir-se à Igreja.

E assim, pela graça de Deus, a obra do Mestre vai de triunfo em triunfo, pois o seu povo está ao trabalho com fé e com os olhos postos no Senhor da grande seara! — *M. Leal.*

Setúbal

Após o nosso regresso da Convenção deste Departamento, realizado em Lisboa no fim de Maio, tivemos o dia da Escola Sabatina com assunto escolhido e de molde a encorajar os membros deste Departamento a contribuírem para um maior progresso da sua Escola, através de: estudos diários, presença e a tempo e um maior amor pela nossa Escola. Demos especial atenção ao Departamento Infantil dedicando-lhe uma boa parte do nosso programa. Como consequência uma jovem, pelo menos, decidiu entregar o seu coração a Deus. Estamos procurando estender tanto quanto possível a Escola Sabatina quer pelo Departamento do Lar — onde já contamos dezasseis membros — quer pelo Rol do Berço; assim como também pela criação de Escolas-filiais. Aproveito para dizer que temos aberto trabalho de Evangelização em Aires — localidade perto de Palmela — aonde vamos domingos à tarde e onde se juntam cerca de trinta pessoas sem contar um bom número de crianças que estão merecendo a nossa especial atenção. Pensamos, dentro de algum tempo, organizar ali uma escola filial com um bom número de membros, adultos e menores. Deus nos abençoe neste propósito e nos dê a Sua divina direcção.

— Tivemos este mês, no dia 23, a primeira cerimónia baptismal onde sete preciosas almas entraram na Igreja pelo baptismo. A esta cerimónia assistiu o nosso irmão director, E. Ferreira. Estamos pensando levar a efeito a segunda em Outubro. Para isso pedimos também que Deus abençoe o nosso esforço.

— Foi com prazer que assistimos ao enlace, nelo casamento, da nossa prezada irmã Cristina Trindade com o irmão Eduardo Pinto, cerimónia que teve lugar no dia 24 de Junho. Desejamos ao novo par uma vida cheia de alegria e prosperidades.

— Partiu para Luanda, no princípio deste mês de Junho, a irmã Vitória dos Santos, aonde

vai fixar residência com sua família. Foi sempre uma boa irmã no nosso meio, por isso sentimos dela saudades. Que Deus tenha acompanhado a nossa irmã em sua viagem e que lhe dê junto de sua família muitos dias felizes.

Vosso ao serviço do Mestre: — *J. J. Laranjeira.*

Tomar

No passado dia 30 de Junho, tivemos o prazer de passar com a Igreja de Tomar um dia inolvidável.

Estavam reunidos os irmãos de Tomar e os do Entroncamento, por ser dia de festa, pois que onze almas foram agregadas à igreja e deram o seu testemunho pelo baptismo. Dizem-nos que nunca houve naquela igreja cerimónia baptismal com tão elevado número de candidatos. Oxalá permaneçam firmes até ao fim.

Ficámos verdadeiramente bem impressionados com o cuidado dispensado aos pequenitos na Escola Sabatina. A sala que lhes é destinada está artisticamente decorada; a colecção de gravuras para demonstração das lições vai aumentando; a mesa de areia está funcionando. Uma ideia do irmão Samuel Reis merece ser imitada por quem não disponha de grandes facilidades para obter material: a tampa da mesa de areia serve ao mesmo tempo de quadro, revestido ou não de flanela segundo se deseje.

Em Tomar encontramos hoje uma das mais animadas sociedades de M. V. de Portugal. Entre os jovens de Tomar e Entroncamento, nada menos de dezanove ostentam os seus uniformes.

O irmão Samuel Reis tem motivo para se alegrar com a sua igreja e estamos certos de que o Senhor o vai auxiliar grandemente. — *E. F.*

Entroncamento

Embora fazendo parte da igreja de Tomar, o grupo do Entroncamento merece uma referência especial. O irmão Samuel Reis tem ali um auxiliar dedicado e dinâmico na pessoa do irmão Carlos Esteves. As reuniões de culto, Escola Sabatina e Jovens realizam-se normalmente. Das onze almas baptizadas em Tomar, quatro pertenciam ao grupo do Entroncamento, que já conta onze membros. Não nos admiramos se em breve vírmos mais uma igreja no sentido completo da palavra funcionando nesta vila.

Na reunião da noite, em que tivemos o privilégio de dirigir o uso da Palavra de Deus, a sala estava quase repleta de pessoas que atentamente acompanhavam o assunto:

Não nos esqueçamos de orar pelo trabalho no Entroncamento. — *E. F.*

Ribeira de Nisa

Realizámos a festa das Mães nos Carris, com a nossa pequena juventude, colaborando alguns jovens da Ribeira de Nisa.

Antes de começar a reunião, foi interessante contemplar as pessoas amigas trazendo os seus ramos de flores.

O programa constou de poesias, diálogos, canções religiosas e cânticos. O M. V. honrou as suas mães com um ramo de flores.

Foram distribuídas as flores à mãe mais idosa e à mãe mais nova, e a todas as mães e pais que nos honraram com a sua presença.

Esta festa foi mais uma sementeira para as almas preciosas dos Carris, pois esquecem-se de todos os afazeres da vida para ouvir a Palavra de Deus e os cânticos, dão todo o apreço à maneira solene como nos dirigimos a Deus em oração, e reconhecem que nós nos interessamos por elas pela maneira como nos dirigimos a Deus em seu favor. Por isso os adventistas são por elas muito respeitados.

Vêm sempre às nossas reuniões de candeiro nas mãos para verem o caminho. Que o Senhor possa abençoá-las grandemente. — *M. Lobato.*

MISSÃO DE CABO VERDE

Fogo

Se a colheita de messes no terreno material constitui motivo de grande alegria, quanto maior não será ela quando o mesmo resultado for também verificado no terreno espiritual?!...

Com efeito, a muita ou pouca ceifa, tanto num como noutro terreno, depende do muito ou do pouco que se semear. É para este princípio que o apóstolo Paulo chama a nossa atenção quando diz: «E digo isto: Que o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará.» (II Cor. 9:6).

Assim, a Igreja do Fogo está colhendo, porque também ela está semeando; e, neste caso, pois, há razão para que os seus membros e dirigentes se sintam radiantes.

A nossa Semana da Juventude, iniciada em meados de Maio, teve o seu belo resultado. A sua acção foi activa e produtiva, e o seu efeito verificado na «ira do Dragão», quando no fim dos nossos trabalhos, um franciscano (dos muitos que andam agora espalhados pelas aldeias do Fogo), abeirando-se de um bom grupo de católicos, lhes proibiu, sob ameaças, de ouvirem mais os adventistas. Mas alguns dos nossos jovens que vinham e que presenciaram a atitude ameaçadora do frade, mantendo-se firmes e resolutos, cheios de prontidão de vontade em servir ao seu Salvador, mostraram-se indiferentes a ela, e continuam empunhando com vigor, firmeza e alegria o glorioso Estandarte da Fé que abraçaram.

E sob o ponto de vista de outras actividades, estamos verificando um êxito sempre crescente. Assim, por exemplo, os nossos alvos financeiros têm sido alcançados com exactidão matemática, e, a julgar pela maneira como a Obra está sendo bafejada, nutrimos a esperança de ver os restantes objectivos também atingidos, quando recebermos, posteriormente, ordem para dar início a outros empreendimentos, que com eles se relacionam, tais como a Campanha, etc.

Cabe-nos falar agora sobre os dízimos. Estes, que nunca eram relatados, porque se notava uma falta de fidelidade na compreensão dos mesmos, estão ora subindo numa escala de ascendente progresso. Por sua vez, o alvo de baptismos merece um relato especial. Em Abril do corrente, com a visita desejável do nosso prezado Director,

seis preciosas almas ingressaram no seio da Igreja, após a ministração do rito baptismal, seguindo-se-lhe a memorável cerimónia da Santa Ceia, que era desconhecida entre os crentes do Fogo. Mas a porta da palavra se nos abriu, de modo que outro grupo está sendo preparado na Classe Baptismal, tanto em S. Filipe como em Curral Grande, pelo que podemos dizer com acerto que mais seis ou sete ingressarão na Igreja em meados de Setembro, se não for antes.

Portanto, que termine bem depressa o presente Ano Santo da Evangelização para que a Congregação do Fogo possa contemplar, alegre e satisfeita, o brilhante resultado da sua faina missionária, e, assim, diga com Josué: «Até aqui nos ajudou o Senhor.» — *Gregório S. Rosa.*

SUMÁRIO

<i>Nosso verdadeiro objectivo</i>	1
<i>Dia da Educação (28 de Julho)</i>	2
<i>Fidelidade na Reforma de Higiene</i>	4
<i>Através do Mundo Adventista</i>	6
<i>Relatório da Colportagem</i>	7
<i>Collonges e os M. V.</i>	8
<i>A Música em Collonges</i>	9
<i>Horas Sociais em Collonges</i>	10
<i>Culto Missionário Mensal</i>	12
<i>Notícias do Campo</i>	14

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA